

AÇÕES

Papéis da Eletropaulo e do Banco do Brasil despencam na bolsa

Página B-5

TRANSPARÊNCIA

Petros utiliza critérios de boa governança para montar sua carteira

Página B-4

FUNDOS DE PENSÃO

Procurador solicita ao interventor informações sobre gestão na Previ

Página B-3

NEGÓCIOS

Bradesco fará leilão de imóveis em São Paulo onde possui agências

Página B-2



AGRIBUSINESS

Superávit da balança comercial agrícola atinge R\$ 6 bilhões

Página B-16

MERCADOS

ECONOMIA - BRASIL

Instabilidade persiste e risco Brasil avança 6,3%

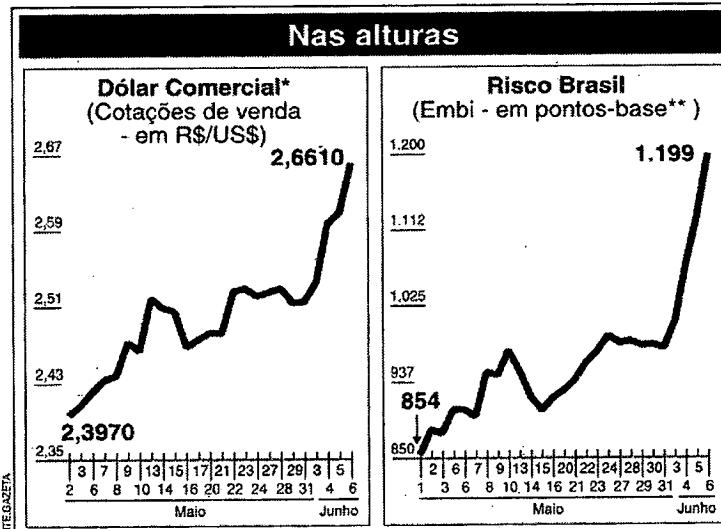
Apesar da tentativa do BC de acalmar investidor, dólar volta a subir, bolsa despenca e juro futuro fica próximo a 19%

Christiane Silva
de São Paulo

A trégua entre o Banco Central (BC) e o mercado financeiro durou pouco. Ontem, o pregão teve mais nervosismo. O BC bem que estendeu a bandeira branca: fez um novo leilão para encurtar o prazo dos títulos públicos e foi menos punitivo com as taxas de juros no final do dia para nivelar a carteira dos bancos. Mas os investidores continuam ressabiados. Os fundos de investimento ainda estão digerindo as perdas com a antecipação das regras de marcação a mercado, há instabilidade pela proximidade das eleições presidenciais e aversão ao risco de crédito no longo prazo.

Alguns profissionais consideram que houve exagero na formação de preços e muita especulação. O dólar comercial voltou a subir e fechar no maior preço do ano, em R\$ 2,661, na venda, alta de 1,95%. Os juros tiveram alta, os títulos da dívida soberana caíram e o risco-país subiu 6,3%, para 1.198 pontos básicos. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) também sucumbiu ao mau humor e fechou em baixa de 3,79% (ver matéria abaixo e página B-5).

Os títulos da dívida soberana re-negociada foram os primeiros a sentir a aversão ao risco de longo prazo. Assim, que o mercado asiático abriu ontem — noite de quarta-feira no Brasil — foram dadas ordens de venda de títulos brasileiros, principalmente, de curto prazo, que repercutiram no pregão de ontem.



Fontes: InvestNews, Bloomberg, JP Morgan e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

*Acima do Tesouro americano

O C-Bond, o título mais negociado e que vence em 2014, caiu 1,78% e valia US\$ 0,688. Mas a queda do título é pequena se comparada à retração de 4,88% do Global 04 (que vence em 2004) e valia US\$ 0,876. O Global 08 despencou 6,49% para US\$ 0,702.

Tecnicamente, o preço do C-Bond pode voltar a ficar acima de US\$ 0,70. "Quando caiu a US\$ 0,67 os bancos aproveitaram para comprar títulos", disse o gerente de mercados emergentes do Banco Fíbrica, Marcelo Marinelli. Com a queda no preço dos títulos brasileiros, o risco-país — calculado pela média dos papéis brasileiros — voltou

a subir. O índice Embi+ do JP Morgan, chegou aos 1.198 pontos básicos (11%). Isso quer dizer que o Brasil tem de pagar 11% a mais que os juros dos títulos do governo norte-americano para conseguir empréstimos e atrair investidores.

Dólar atinge R\$ 2,66

Com a queda no preço dos títulos brasileiros houve compra de dólares. O preço da moeda abriu em alta de 2,2% e chegou a R\$ 2,668. Mas recuou no final do dia. Operadores acreditam que a alta foi projetada por bancos para forçar o BC a intervir no mercado com a venda de títulos indexados ao dólar para

vestimento selecionados pela agência de classificação de risco Standard & Poor's como consistentes mostra que os juros podem cair entre 0,25 e 0,50 ponto percentual.

BC encurta prazo de títulos

O BC fez mais uma troca de títulos pós-fixados, as Letras Financeiras do Tesouro (LFT), com vencimento entre 2004 e 2006 por outros com resgate em 2003. "O problema não é apenas encurtar o prazo, mas o mercado precisa ter para quem vender os papéis", disse um profissional. Desde o início do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB), em 22 de abril, a negociação com títulos públicos no mercado secundário diminuiu. Em compensação, a procura por derivativos disparou. Na BM&F, o volume de negócios aumentou 54% em maio, com média diária de 567 mil transações, na comparação com o maio de 2001.

O BC começou o dia com retirando R\$ 7,5 bilhões do sistema financeiro, na operação de financiamento das carteiras e aceitou apenas 28% das propostas. No balizamento de posições do final da tarde o BC deu mais um alívio para o mercado e aumentou a taxa de juros de 15% para 16% ao ano. O diretor do Fundo Monetário Internacional, Thomas Dawson, disse que "o Brasil tem feito um excelente trabalho", durante o período de turbulências do mercado financeiro...